

O ATO DE RESENHAR NO SKOOB

THE ACT OF REMAINING IN SKOOB

Júlio César Araújo
Janyele Gadelha de Lima
Francisco Rogiellyson da Silva Andrade
Juliana Bicalho Pinto
UFC

Resumo: Este artigo analisa a resenha de livro no âmbito da rede social Skoob, considerando as estratégias de distribuição de informações nas resenhas publicadas nesse ambiente virtual. Teoricamente, apoiamos-nos, principalmente, no que se concerne ao processo de reelaboração de gêneros nas redes sociais (COSTA, 2010; ARAÚJO, 2016). Além disso, partimos do instrumental analítico chamado *Create a Research Space* (CARS), proposto, inicialmente, por Swales (1984), para o estudo da organização de introduções de artigos científicos, posteriormente utilizado por Motta-Roth (1995) para o estudo da resenha acadêmica. A metodologia adotada é de cunho etnográfico. A partir disso, coletamos 10 resenhas produzidas por usuários do Skoob. De posse dos dados, percebemos que, apesar de muitos dos moves e subfunções que compõem a resenha acadêmica se manterem, novas unidades retóricas aparecem nas resenhas, o que demonstrou a necessidade da reelaboração da organização retórica dessas resenhas para contemplar o ato de resenhar no Skoob.

Palavras-chave: Reelaborações de gêneros. Redes sociais. Resenha. Skoob.

Abstract: *This article analyzes the book review within the social network Skoob, considering the distribution strategies of information in the reviews published in the virtual environment. Theoretically, we rely mainly on the process of genre re-elaboration in social networks (COSTA, 2010; ARAÚJO, 2016). In addition, we start with the analytical tools called Create a Research Space (CARS), initially proposed by Swales (1984), for the study of the organization of introductions of scientific articles, later used by Motta-Roth (1995) for the academic review study. The methodology adopted is ethnographic. From this, we collected 10 reviews produced by Skoob's users. As results, we realized that although many moves and subfunctions that make up the academic review remain, new rhetorical units appear in the reviews, which demonstrated the need to re-elaboration the rhetorical organization of the reviews to contemplate the act of reviewing in Skoob.*

Key-words: *Genre re-elaboration. Social Network. Review. Skoob*

INTRODUÇÃO

Ao nos propormos a analisar o gênero resenha, é importante entendermos que, como ato de resenhar, compreendemos a prática discursiva, comumente escrita, por meio da qual alguém

tece comentários críticos acerca de um livro lido. Sousa (2012) defende que a resenha forma uma constelação de gêneros (ARAÚJO, 2006), já que, por meio do ato de resenhar, podemos chegar à resenha de música, à resenha de teatro, à resenha de cinema e à resenha de ballet, por exemplo. Segundo essa compreensão, o ato de resenhar não é exatamente um gênero, mas uma prática discursiva complexa, que, por meio das muitas ações nela envolvidas, pode-se chegar a vários tipos de resenhas, visto que, em decorrência dos diferentes domínios em que se constituem, constroem organizações heterogêneas.

Nessa medida, a depender da esfera de atividade habitada por seus autores e leitores, a resenha pode estar vinculada a vários discursos, como o acadêmico (MOTTA-ROTH, 1995; ARAÚJO, 1996; 2009; BEZERRA, 2009) e o jornalístico (SOUSA, 2012; COSTA, 2014). Mas não apenas aos domínios discursivos acadêmico e jornalístico se circunscreve o ato de resenhar, haja vista, atualmente, essa prática social ser atualizada na dinâmica das redes sociais, espaço para onde conflui vários domínios de discurso. São vários os exemplos que podemos citar aqui e que ilustram bem o modo pelo qual a prática discursiva de resenhar se atualiza nas redes sociais, a exemplo do Skoob, rede social voltada para leitores que, constantemente, praticam e consomem o gênero resenha de livro, com o fito de organizar suas leituras, compartilhar e discutir impressões e buscar sugestões de novos livros.

Diante dessa realidade, neste trabalho, interessamo-nos pela análise da resenha de livro existentes nessa esfera discursiva digital. Com esse intento, o presente artigo se organiza da seguinte forma: 1 – apresentamos o conceito de reelaboração de gêneros e o modelo *Create a Research Space* construído para a composição retórica da resenha acadêmica, reflexões teóricas das quais partimos; 2 – explicamos como funciona e como se dão as interações na rede social Skoob; 3 – descrevemos nossos passos metodológicos; 4 – analisamos nosso corpus de pesquisa; e 5 – apresentamos nossas considerações acerca da análise.

O FENÔMENO DA REELABORAÇÃO DE GÊNEROS

Por reelaborações de gêneros, compreendemos os processos pelos quais os gêneros discursivos, em função dos usos, transformam-se entre si, muitas vezes, gerando até novos gêneros. Conforme Araújo (2016), os gêneros que organizam as práticas discursivas nas redes sociais apontam para um absoritivo movimento de reelaboração criadora que transita em um continuum entre a standardização e a emergência, cujo protagonismo do sujeito pode ser compreendido entre graus de maior ou menor intervenção.

Conforme propõe Araújo (2016), o processo de reelaboração criadora e inovadora de gêneros discursivos nas redes sociais está associado à relativa liberdade de criação proporcionada por esses espaços virtuais que permitem aos usuários experimentarem diferentes técnicas de produção de textos híbridos que acontecem por meio das atividades de recortar/copiar e colar, próprias das tecnologias digitais.

No caso das resenhas praticadas pelos adeptos da rede social Skoob, acreditamos que esse processo é mutante e criativo, como a própria língua e, em função disso, as pessoas não param de inventar uma nova standartização, decorrente da “vida” social que existe nesses ambientes. Navas (2010) designa essas práticas de *remix* e *masbup* e diz que elas estão na base daquilo que ele define como cultura *remix*. Assim, podemos dizer que as redes sociais produzem e consomem cultura *remix*, a partir da qual os sujeitos reelaboram diferentes tipos de mesclas de gêneros para organizar as práticas discursivas entre os sujeitos.

MODELOS CARS E O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA

O modelo *Create a Research Space* (CARS), elaborado por Swales (1984), propõe que os gêneros, principalmente os acadêmicos, se constroem a partir de uma organização retórica que lhes permite atingir seus propósitos comunicativos. Tal modelo melhor se encaixa aos gêneros acadêmicos, pois estes são resultados de uma rotina mais cristalizada de construção de textos. Nessa perspectiva, os gêneros são formados por moves e subfunções (ou steps). Os primeiros se referem a unidades retóricas que compõem os textos; os segundos são subunidades que permitem a composição retórica de cada move. Nessa formulação, entende-se que cada move possui um propósito comunicativo próprio, o qual permite que o gênero atinja seu propósito maior. Para aplicar sua teorização, Swales (1984) analisou introduções de artigos acadêmicos. Adeptos dessa concepção aplicam a proposta de Swales (1984) a outros gêneros, a fim de perceber como se dá a cristalização retórica dos textos em cada domínio sócio-discursivo.

Um exemplo dessa aplicação é o estudo de Motta-Roth (1995), que consiste na aplicação do modelo CARS na análise da resenha acadêmica. Tal estudo aqui nos interessa por permitir que entendamos a composição rotineira desse gênero e façamos comparações com as resenhas que analisaremos.

Como o modelo de Motta-Roth (1995) foi criado para a análise de resenhas de livros no suporte impresso e no contexto acadêmico, é lícito pensar que, talvez, se faça necessário realizar adaptações desse modelo, a fim de contemplar os movimentos retóricos encontrados nas resenhas do Skoob, uma vez que as condições de produção desse gênero e os atores envolvidos nessa prática são outros. A partir de sua análise, Motta-Roth (1995) elabora o seguinte quadro como esquema de composição retórica do gênero resenha acadêmica:

Figura 1 – Descrição esquemática das subfunções retóricas em resenhas acadêmicas.

Move 1	INTRODUZIR O LIVRO
Subfunção 1	Definindo o tópico geral do livro e/ou
Subfunção 2	Informando sobre leitores em potencial e/ou
Subfunção 3	Informando sobre o autor e/ou
Subfunção 4	Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
Subfunção 5	Inserindo o livro na área
Move 2	SUMARIAR O LIVRO
Subfunção 6	Provendo uma visão geral da organização do livro e/ou
Subfunção 7	Apresentando o tópico de cada capítulo e/ou
Subfunção 8	Citando material extratextual
Move 3	DESTACAR PARTES DO LIVRO
Subfunção 9	Provendo avaliação direcionada
Move 4	PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO
Subfunção 10 A	Recomendando/desqualificando completamente o livro ou
Subfunção 10 B	Recomendando o livro apesar de indicar limitações

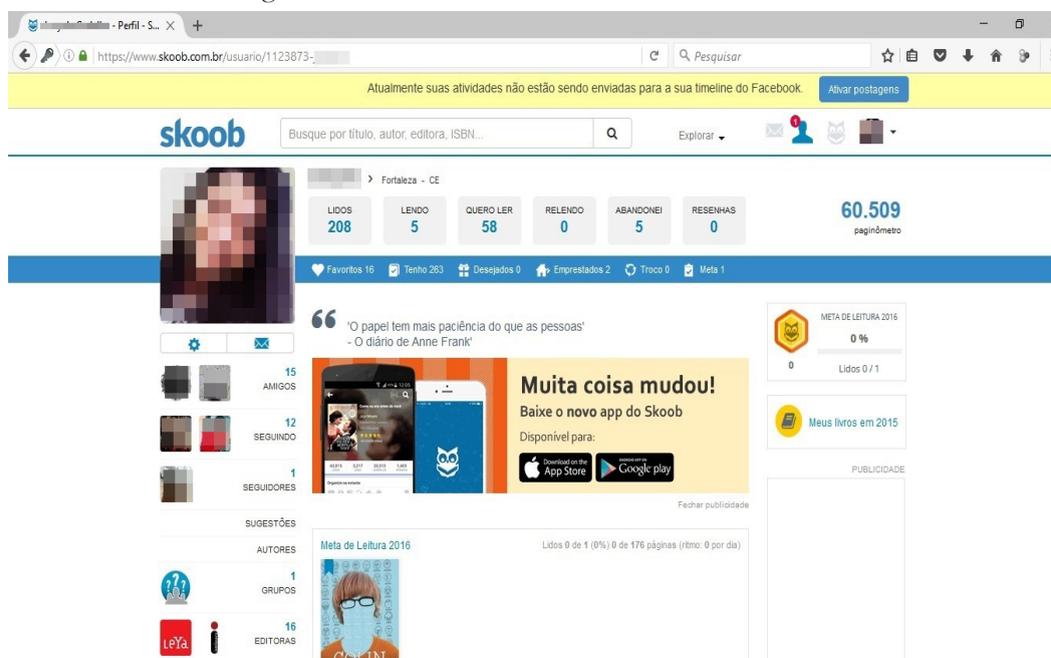
Fonte: Motta-Roth, 1995, p. 141.

Motta-Roth (1995), como ilustrado na figura 1, entende que a resenha se constrói a partir de 4 moves, cada um deles com subfunções próprias, que auxiliam aqueles a se comporem. A partir desse modelo, realizamos nossa análise das resenhas publicadas no Skoob.

O SKOOB

Dentro do cenário das redes sociais há uma que em muito agrada aos amantes de livros - o Skoob, que consiste em uma rede social para que leitores possam organizar suas atividades de leitura, colher informações sobre alguma obra específica, além de promover uma interação com outros leitores. Os *scoobers*, isto é, os usuários dessa rede, possuem um perfil que se organiza da seguinte maneira:

Figura 2 - Perfil de um usuário da rede social Skoob.



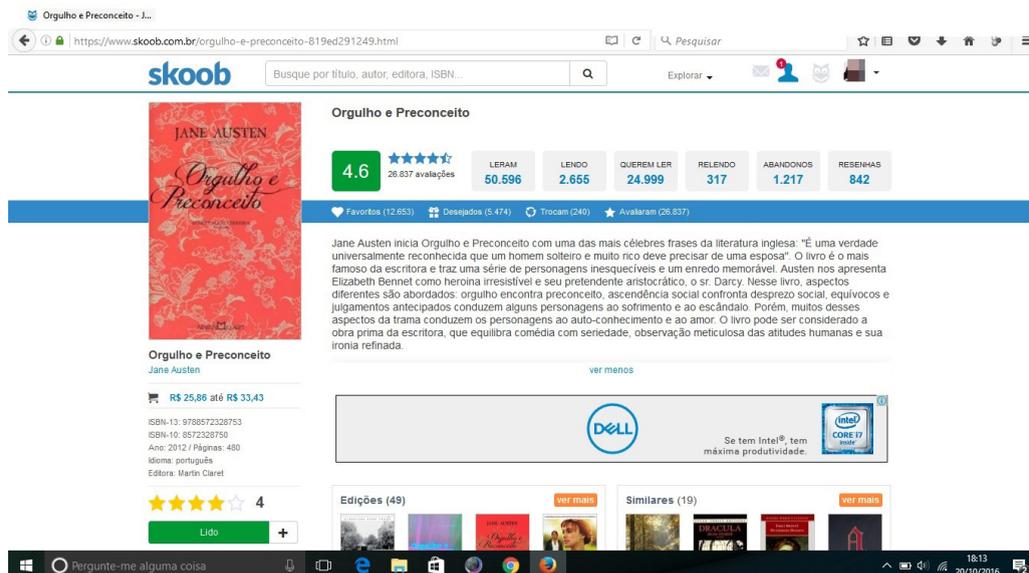
Fonte: dados da pesquisa (2017)

Na imagem, ilustra-se o perfil de um *scoober*. No canto superior esquerdo, há a foto do *scoober* e, ao lado, seu nome e localidade. Logo abaixo, encontram-se as ferramentas que auxiliam os usuários na organização de suas leituras. Por exemplo, os *scoobers* podem distribuir seus livros em sessões como: *lidos*, *lendo*, *quero ler*, *relendo* e *abandonado*. Ao lado, há ainda a opção de encontrar os livros que foram resenhados por ele. Além disso, um pouco mais abaixo, observamos outras formas de classificar os livros: *favoritos*, *tenho*, *desejados*, *emprestados*, *troco* e *meta*. Tais ferramentas permitem que outros usuários possam perceber que perfis mais lhes interessam, a partir da percepção de que ambos têm

Por ser uma rede social, o Skoob permite a interação entre seus usuários, dessa forma, na página inicial podemos encontrar os seguidores e aqueles que o *scoober* segue, além de visualizar o que os amigos estão lendo no momento, bem como as últimas avaliações que realizaram de livros.

Quando iniciamos a busca por determinado livro, o Skoob nos leva para uma página onde podemos encontrar informações sobre a obra, como a capa, o nome do autor, os preços, a editora e outros dados sobre edição e publicação, tal como ilustrado a seguir.

Figura 3 - Busca por um livro no Skoob.



Fonte: dados da pesquisa (2017)

Ao lado da capa do livro, há a presença de estrelas, que têm a função de indicar a avaliação que todos os skoobers fizeram do livro. Na imagem 3, vê-se que o livro *Orgulho e Preconceito* tem 4,6 estrelas, o que significa uma alta avaliação, tendo em vista que o número de estrelas varia de 1 a 5, sendo 1 a menor nota e 5, a maior. Ao lado do número de estrelas, há, ainda, a informação de quantos usuários já leram, quantas estão lendo, quantas querem ler, quantas estão relendo, quantas abandonaram e quantas resenhas foram feitas sobre a obra. Na mesma página, podemos localizar a sinopse do livro e as outras edições que foram lançadas, bem como a indicação de livros que sejam similares a ele - na temática ou no gênero, por exemplo -, ferramenta que tem a função de servir como recomendação de leitura para os usuários.

Como se pode ver, o Skoob, como dito anteriormente, é uma rede social para leitores, que giram em torno de suas leituras, a fim de buscar construir laços com outros leitores, compartilhando opiniões, avaliações, impressões, sentimentos, enfim, discutindo sobre a leitura de vários livros. Para que haja isso, além das ferramentas disponibilizadas pela rede social, o principal gênero que os skoobers produzem é a resenha de livro, pois, a partir desse gênero, é que se iniciam as discussões sobre as obras resenhadas. Percebendo isso e tendo interesse pela organização retórica das resenhas nesse ambiente virtual, partimos para nossa coleta de dados, que descrevemos no tópico a seguir.

METODOLOGIA

Foi no cenário do Skoob que o corpus de nossa pesquisa surgiu. Instigados por esse novo

ambiente em que circulam resenhas e levados a investigar como se dá o processo de reelaboração desse gênero nesse ambiente virtual, selecionamos 10 resenhas do Skoob, a fim de melhor analisá-las e estudá-las dentro do modelo CARS proposto por Motta-Roth (1995) para análise da resenha.

A respeito desse corpus, é interessante esclarecer que, no Skoob, a maior parte das resenhas contemplam livros de ficção literária, ou seja, são poucas, ainda que existam, as resenhas que se dedicam à avaliação de livros de cunho teórico de áreas específicas do saber. Em nosso corpus, apenas uma resenha é de livro teórico, no caso, pertencente à área de estudo da Linguística. Isso aponta para o fato de que a maioria dos usuários dessa rede social tem interesse por livros literários, não científicos.

Ressaltamos que, para manter protegida a identidade dos sujeitos produtores das resenhas, em nossa análise, as resenhas foram numeradas e codificadas. Com isso, o código R1, por exemplo, é utilizado para nos referirmos à primeira resenha por nós coletada. Além disso, a coleta e posterior análise das resenhas se deu a partir da leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Como bem defendem Araújo (2006; 2007; 2009) e Costa (2016), para que os estudos sobre linguagem e tecnologia tenham solidez metodológica, é importante que o pesquisador se insira no ambiente, o que significa dizer que este seja um usuário das tecnologias e um utente dos contratos sociais entre os membros da comunidade discursiva de seu interesse. Entre as possibilidades de pesquisa qualitativa, a etnografia é uma alternativa produtiva, pois permite ao pesquisador estudar o seu objeto no contexto cultural em que ele acontece. À luz dessa perspectiva, podemos dizer

se a interpretação está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece [...] é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia. Uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar (GEERTZ, [1973] 1989, p. 28).

Dessa forma, os dados desta pesquisa foram gerados por meio da participação ativa e direta dos pesquisadores na rede social Skoob, e, posteriormente, com o corpus devidamente coletado, realizou-se a análise. Diante disso, lemos as resenhas do Skoob, procurando, primeiramente, perceber que unidades retóricas se mantinham em relação à resenha acadêmica. Após isso, analisamos unidades não previstas para este tipo de resenha, mas que, recorrentemente aconteciam nas resenhas do Skoob, o que nos fez construir um novo quadro de moves e subfunções que caracterizasse o gênero resenha nesse ambiente virtual de interação. Apresentamos nossa análise no tópico a seguir.

O ATO DE RESENHAR NO SKOOB

Em relação ao *Skoob*, ao analisarmos as 10 resenhas a partir do modelo construído por Motta-Roth (1995), obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 1 - Análise das resenhas do Skoob a partir do modelo elaborado por Motta-Roth (1995)

Moves e respectivas subfunções	Resenhas do Skoob
Move 1	Todas as resenhas realizaram este move.
Subfunção 1	R1, R3, R5, R7, R8, R9, R10
Subfunção 2	R5, R6, R8
Subfunção 3	R1, R4, R6, R7, R8, R9, R10
Subfunção 4	R1, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9, R10
Subfunção 5	R1, R2, R5, R8, R9
MOVE 2	Somente R6, R7, R8 e R9 realizaram este move.
Subfunção 6	R6
Subfunção 7	R6
Subfunção 8	R6, R7, R8, R9
MOVE 3	Todas as resenhas realizaram este move.
Subfunção 9	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9, R10
MOVE 4	Todas as resenhas realizaram este move.
Subfunção 10 ^a	R5, R10
Subfunção 10B	R1, R2, R3, R4, R6, R7, R8, R9

Fonte: Construção própria.

A partir da tabela 1, observa-se que todos os moves e subfunções propostos por Motta-Roth (1995) foram realizados nas resenhas do Skoob analisadas. Algumas subfunções foram mais produtivas que outras, ou seja, apresentam uma recorrência maior, a exemplo das que tratam da descrição, das informações mais relevantes acerca do livro que está sendo resenhado, além das avaliações direcionadas e finais.

A partir disso, no que se refere à organização retórica das resenhas no contexto do Skoob, encontramos alguns movimentos retóricos que não possuem classificação dentro do modelo de Motta-Roth (1995). Possivelmente isso ocorreu justamente por estarmos diante de um meio de realização, as redes sociais, diferente do meio para o qual o modelo da autora foi proposto. Tal evidência fez com que tivéssemos que elaborar um novo modelo de moves e subfunções que contemplasse a resenha do *Skoob*, tal como se vê na tabela a seguir.

Tabela 2 - Modelo de organização retórica das resenhas do *Skoob*

Move 1 – Introduzir o livro	Subfunção 1 - Definindo o tópico geral do livro: R1, R3, R5, R7, R8, R9, R10; Subfunção 2 - Informando sobre leitores em potencial: R5, R6, R8; Subfunção 3 - Informando sobre o autor: R1, R4, R6, R7, R8, R9, R10; Subfunção 4 - Fazendo generalizações sobre o tópico: R1, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9, R10; Subfunção 5 - Inserindo o livro na área: R1, R2, R5, R8, R9;
Move 2 – Sumariar o livro	Subfunção 6 - Promovendo uma visão geral da organização do livro: R6; Subfunção 7 - Apresentando o tópico de cada capítulo: R6; Subfunção 8 - Citando material extratextual: R6, R7, R8, R9;
Move 3 – Destacar partes do livro	Subfunção 9 - Promovendo avaliação direcionada: R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8, R9, R10; Subfunção 10 - Citar trechos do livro: R4, R6, R9;
Move 4 – Prover uma avaliação final do livro	Subfunção 11A - Recomendando/Desqualificando completamente o livro: R5, R10; Subfunção 11B - Recomendando o livro, apesar de indicar limitações: R1, R2, R3, R4, R6, R7, R8, R9; Subfunção 12 - Dar estrelas: R1, R4, R9.

Fonte: Construção própria.

Adaptando, então, a proposta de Motta-Roth (1995), obtém-se, para as resenhas do *Skoob*, duas subfunções. A primeira, subfunção do move 3, é a de citar trechos do livro (subfunção 10); a segunda, subfunção do move 4, representa a ação de dar estrelas após feita a avaliação (subfunção 12). Na tabela seguir, vemos exemplos do move 3 retirados de resenhas do *Skoob*.

Tabela 3 - Evidências da subfunção 10 nas resenhas do *Skoob*

Resenha	Subfunção 10 - Citar trechos do livro
R4	“ <i>Livros eram mais confiáveis que pessoas, de qualquer forma.</i> ” [...] “As memórias da infância às vezes são encobertas e obscurecidas pelo que vem depois, como brinquedos antigos esquecidos no fundo do armário abarrotado de um adulto, mas nunca se perdem por completo.” — Página 14
R6	“[...] não produzimos palavras apenas para designar as coisas, mas para estabelecer relações entre elas e comentá-las [...]. A língua não é um sistema de mostração de objetos, porque permite falar do que está presente e do que está ausente, do que existe e do que não existe, porque possibilita até criar novas realidades, mundos não existentes.” (FIORIN, 2013, p. 17)
R9	(lembre-se do que Dumbledore disse: “a alma se corrompe através do assassinato”).

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Tal como se constata por meio da tabela 3, as resenhas 4, 6 e 9 citaram partes das obras resenhadas no corpo do texto. Nos casos em análise, o uso dessa subfunção ocorre para destacar trechos considerados pelos resenhistas como passagens importantes dos textos resenhados. Não queremos afirmar com isso que as resenhas de cunho acadêmico não utilizam esse recurso de citar partes do texto, porém esse movimento retórico não é contemplado no modelo proposto por Motta-Roth (1995), o que nos levou a inseri-lo de maneira mais explícita. Além disso, enquanto numa resenha acadêmica esse artifício teria a função de embasar a argumentação do resenhador, percebemos que, na resenha

do Skoob, a citação de partes do livro tem o papel de permitir que o escritor evidencie as partes de que mais gostou e, por meio disso, incite o público a querer ler o livro resenhado. Assim, percebe-se que o processo de reelaboração, para além da linguagem mais oralizada, como vimos anteriormente, também se evidencia na construção retórica das resenhas do Skoob.

A subfunção 12, que nomeamos como *dar estrelas*, é utilizada com o intuito de o resenhista poder dar uma espécie de nota à obra resenhada, isso devido ao fato de a rede social permitir que seu usuário dê uma nota, que varia de 1 a 5, ao livro que leu. Vejamos isso nos exemplos da tabela 4.

Tabela 4 - Evidências da subfunção 12 nas resenhas do *Skoob*

Resenha	Subfunção 12 - Dar estrelas
R1	Infelizmente não pude dar cinco estrelas para o livro por uma questão bem pessoal. Alguns de vocês já devem saber que eu não sou muito fã de livros que retratem muito a parte histórica. [...]
R4	Eu gostei muito desse livro, mas acabei tirando uma estrela porque eu gostaria que algumas coisas tivessem sido mais trabalhadas, mais exploradas.
R9	[...] o livro mereceria 5 estrelas.

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Como se vê na tabela 4, parece ser necessário para os resenhistas dar essa avaliação numérica em suas resenhas. Esse ato dá abertura para que haja a explicação dessa nota, considerando o que o resenhista aponta como bom ou ruim na obra, por conseguinte faça sua avaliação de modo claro e sincero. Outro traço que nos chamou atenção é o fato de, no caso das resenhas do *Skoob*, a avaliação ocorrer a partir de critérios subjetivos do resenhista, o que, no caso de uma resenha acadêmica, não é permitido, pois, no universo acadêmico, a avaliação precisa ser feita a partir de uma argumentação sólida, amparada e legitimada cientificamente.

Além da reelaboração da organização retórica das resenhas, algo que também nos chamou atenção é o fato de, apesar de apresentar as resenhas em modalidade escrita, os textos apelam, em muitos casos, para marcas de representação da oralidade. Um exemplo disso é a R1, quando o resenhista, ao apresentar o autor do livro em análise, diz apenas o seguinte: “*Scott... Sem mais*”. Essa expressão, mesmo escrita, absorve e interpreta aspectos da oralidade experienciada em situações informais. Tal uso parece ser bem acolhido dentro dessa ambientação virtual, o que já não poderíamos garantir em uma resenha prototípica acadêmica. Se aceito, o produtor da resenha acaba sendo reconhecido entre os pares naquele ambiente virtual. Além disso, a expressão ainda não nos oferece dados específicos sobre o autor, mas nos permite inferir que ele é portador de inúmeras qualidades que se torna difícil para a resenhista explicitá-las. Este pode ser considerado um dos sinalizadores linguísticos do processo de reelaboração da resenha acadêmica escrita para sua ambientação numa rede social, como o *Skoob*.

No que se refere à recomendação da obra, na mesma R1, encontra-se “*Parabéns, Scott*”. Tal expressão, assim como a anterior, sinaliza a marca de oralidade aceita como forma de expressão nesse ambiente, mas também evidencia uma forma diferente de recomendar a obra, se considerarmos a resenha acadêmica. Em R1, ao parabenizar o autor, o resenhista dá a inferir que o livro é merecedor de leitura.

Essas evidências apontam, também, para o estabelecimento de uma espécie de conversa, diálogo, entre o resenhador e o suposto público leitor. Quer-se dizer com isso que, apesar de ser um texto escrito, que não pressupõe um diálogo instantâneo, uma vez que imersos em uma rede social, os resenhadores necessitam estabelecer uma interação intensa para que sejam reconhecidos e possam construir vínculos no Skoob. A partir desse intuito, é necessário que os resenhadores evidenciem, pela linguagem, uma relação mais horizontalizada com seus leitores, diferente da relação estabelecida entre autor e leitor das resenhas acadêmicas.

Ainda no que se concerne à linguagem, há ainda um ponto relevante a ser apresentado. Comumente, circulam nas resenhas do Skoob algumas expressões que são típicas das redes sociais, como podemos observar na tabela 4 nos trechos em itálico.

Tabela 5 - Evidências de marcas de linguagem das redes sociais nas resenhas do Skoob

Resenha	Marcas de linguagem das redes sociais
R3	Parte preferida do livro: mais clichê impossível, a parte do “infinito”. <i>Entendedores entenderão.</i> Ele foi uma LUZ na vida do Charlie, um SANTO! <i>Hehehe.</i>
R9	[...] nos presenteando com um coro de risadinhas do Willy Wonka e ainda um nível insuportável de fofura, com direito a momento “uôn” (<i>pausa para piscar os olhinhos de forma irresistivelmente doce</i>)

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Um dos aspectos mais interessantes na resenha em um meio virtual, como ressaltamos anteriormente, é a possibilidade de interação mais direta entre o resenhista e aquele que o lê. Em relação a essa possibilidade de interação, no Skoob, os usuários podem interagir uns com os outros, ou seja, além de poder avaliar as resenhas escritas por outros *skoobers* com ferramentas do tipo *gostei* ou *like*, os leitores das resenhas podem deixar comentários, seja sobre a resenha que leram, seja sobre o próprio livro resenhado. Essa é uma possibilidade que só é possível de acontecer dentro de um meio que disponibilize ferramentas para tal. As redes sociais, como um todo, são um lugar que visam justamente à interação, numa concepção recíproca de compartilhamento de informações. Portanto, para atender a essa especificidade intrínseca às redes sociais, o Skoob disponibiliza ferramentas próprias de avaliação e interação entre escritores e leitores.

É relevante, ainda, esclarecer que, como comentamos em nossa metodologia, apenas a R9 se dedicava à resenha de um livro científico. Essa percepção nos inclina a afirmar que, nesse espaço virtual, existe a dedicação de avaliar-se textos de ficção literária, o que também, em nossa ótica, evidencia o caráter de reelaboração da resenha nesse meio, tendo em vista que, no ambiente acadêmico, existe a dedicação pela resenha de livros científicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados apontam para o fato de que a reelaboração de determinado gênero pode ocorrer devido a vários fatores, a exemplo de quando há a mudança do suporte de texto, pois

cada um desses suportes exige novas formas de textualização. Por isso, muito se alteram os elementos socialmente estabilizados a respeito da resenha quando nos deparamos com esse gênero veiculado num ambiente virtual, a exemplo do Skoob, em que sua consolidação se dá conjuntamente com a participação de outras ferramentas.

A partir da análise, percebemos que o modelo de Motta-Roth (1995), de fato, é reelaborado se se tem o fito de contemplar a resenha no âmbito do Skoob. Assim, vimos que os sujeitos escritores de resenha desse ambiente reelaboram esse gênero, a fim de atrair um maior público e de estabelecer contato com ele, pois utilizam uma linguagem mais informal e se valem de novas unidades retóricas que motivam os leitores a realizar a leitura dos livros resenhados, bem como os impulsionam a compartilhar experiências com os resenhadores.

Nessa medida, seja do ponto de vista da linguagem, que se aproxima de uma modalidade mais oral e informal, seja do ponto de vista da construção retórica, que se adéqua às necessidades enunciativas do Skoob, as resenhas circulantes nesse ambiente digital de interação apontam para o fenômeno da reelaboração do gênero resenha acadêmica, uma vez que, mesmo entendendo que produzem uma resenha, os skoobers, na tentativa de estabelecer uma relação mais horizontal com o público, perfazem a reconstrução retórica do gênero consolidada academicamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D. *Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARAÚJO, A. D. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 77-93.

ARAÚJO, J. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 49-64.

ARAÚJO, J. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2006.

BEZERRA, Benedito Gomes. A resenha acadêmica em uso por autores proficientes e iniciantes. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 95-115.

COSTA, R. R.; COSTA, S. M. Corpos em campo: performance, visibilidade e impermeabilidade na apresentação do self de jogadores de futebol no Instagram. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.17, n.3, p.677-704, set./dez. 2014

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical Features and Disciplinary Cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NAVAS, E. Regressive and Reflexive Mashups in Sampling Culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). *Mashup Cultures*. Wien; New York: Springer, 2010. p. 157-177.

SOUSA, S. C. T. de. *Gênero textual e comunidade jornalística*. São Paulo: Blucer Acadêmico, 2012.

SWALES, John M. Research Into the Structure of Introductions to Journal Articles and its Application to the Teaching of Academic Writing. In: WILLIAMS, R.; SWALES, J; KIRKMAN, J. *Common Ground: shared interests in ESP and communication studies*. ELT Documents 117, 1984.

Júlio César Araújo

Pós-Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG e Professor e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da UFC, onde coordena o grupo de pesquisa em Discursos e Digitalidades (DIGITAL). Atua na área de Linguística Aplicada em interface com Pragmática, Linguística Textual e as Teorias Críticas do Discurso. À luz dessa interface estuda as relações entre linguagem e tecnologia digital, com especial atenção aos seguintes temas: gêneros textuais digitais, novos letramentos, EaD, convergência de mídias e hipertextos.

Janyele Gadelha de Lima

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Literatura Comparada, com ênfase em Semiótica Literária, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade

Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, graduado em Letras: Língua Portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará e especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cândido Mendes. Atua como professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza da área de Língua Portuguesa. Foi bolsista PIBIC, com vínculo CNPq, no desenvolvimento das primeira e segunda etapas do Projeto Letramentos Acadêmicos na Universidade Federal do Ceará.

Juliana Bicalho Pinto

Graduanda em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo HIPERGED, coordenado pelo Prof. Dr. Júlio Araújo. Bolsista de Iniciação Científica da Funcap no Projeto TERMIREDES -Terminologia das Redes Sociais no Brasil (Fase 2).

Enviado em 30/01/2018.

Aceito em 01/03/2018.